

O DISCURSO PERSUASIVO DE IAGO EM *OTELLO, O MOURO DE VENEZA* (1604)

IAGO'S PERSUASIVE SPEECH IN *OTHELLO, THE MOOR OF VENICE* (1604)

Bruna Otani Ribeiro

<bruna.ribeiro@unila.edu.br> Mestre em Letras -Linguagem e Sociedade
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
(<http://lattes.cnpq.br/5732781008750636>)

Patrícia Cristina Capelett

<patriciacapelett@hotmail.com> Mestranda em Letras - Linguagem e Sociedade
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
(<http://lattes.cnpq.br/2614217173303369>)

Kamilla Costa Rodrigues

<milloka_cr@hotmail.com> Graduanda em Letras
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
(<http://lattes.cnpq.br/2341822420180029>)

RESUMO

Este estudo se refere ao discurso persuasivo de Iago, personagem da peça *Otelo, o mouro de Veneza* (1604) do dramaturgo inglês William Shakespeare. Para esta pesquisa, pretende-se analisar o discurso de Iago e seu poder de convencimento. Destacamos que Iago utiliza o poder da linguagem para manipular cada personagem, porém, para esta análise enfatizaremos o discurso de Iago em relação a *Otelo*, não deixando, no entanto, de apresentar algumas passagens relevantes em que outras personagens também são manipuladas, afinal, o fato de agirem de acordo com as intenções de Iago é o que ocasiona o desfecho trágico do drama. Para isso, utilizaremos o aporte teórico presente na obra *Linguagem e persuasão* (CITELLI, 2007) que retoma as sugestões de Aristóteles em *Arte retórica*. Citelli (2007) reafirma os mecanismos que estão presentes no discurso persuasivo, os quais são quatro instâncias sequenciais e integradas: o exórdio, a narração, as provas e a peroração. Assim, utilizamos essas instâncias para analisar os discursos em estudo. Portanto, busca-se com este trabalho desvelar a neutralidade da linguagem e o poder que esta exerce no desenvolvimento da trama shakespeariana e verificamos que as quatro instâncias estão presentes no discurso de Iago em relação a *Otelo* potencializando o discurso persuasivo.

PALAVRAS-CHAVE: persuasão; discurso; linguagem.

ABSTRACT

This study refers to the persuasive speech of Othello, a character of the play *Othello, the Moor of Venice* (1604) written by the English playwright William Shakespeare. For this research, we intend to analyze Iago's discourse and power of persuasion. We emphasize that Iago uses the power of language to manipulate each character, but for this analysis we will emphasize Iago's speech in relation to Othello, without giving up, however, showing some relevant passages in which other characters are also manipulated; after all, the fact that they act according to Iago's intentions is what causes the drama's tragic outcome. To achieve this, we will use the theory presented in *Linguagem e persuasão* (CITELLI, 2007) that takes up suggestions made by Aristóteles in his *Rhetoric*. Citelli (2007) reaffirms the mechanisms present in persuasive speech, which are: exordium, narration, evidences and peroration. Thus, we used those instances to analyze the studied speeches. Therefore, the aim of this work is to unveil language neutrality and the power that it exercises in the development of the Shakespearean plot and we established that the four instances are present in Iago's speech in relation to Othello, optimizing the persuasive speech.

KEYWORDS: persuasion; speech; language.

INTRODUÇÃO

No drama Shakespeariano, *Otelo, o mouro de Veneza*, produzido no século XVII e encenado em 1604, o protagonista da peça, Otelo, é vítima das armações de Iago, que o inveja e constrói planos para vingar-se de uma suposta traição entre sua esposa, Emília, e o mouro, bem como do fato de Otelo ter atribuído o cargo de tenente a Cássio e não a ele. Para atingir seus objetivos, Iago age sem escrúpulos e manipula quem estiver ao seu redor, enganando quem for preciso para que suas tramoias sejam concretizadas.

Assim, a personagem Iago e suas artimanhas para atingir seus objetivos impressionam leitores e/ou espectadores, pois tal personagem, que atua como alferes de Otelo, é muito habilidoso em seu discurso, e Otelo, por outro lado, é facilmente manipulado por Iago, algo que se estende a outras personagens que também são enganadas por ele.

O discurso de Iago é cuidadosamente elaborado. Pode-se perceber que ele reflete antes de falar, planeja antes de executar algo, isto é, ele tem poder de convencimento, pois sabe usar muito bem a linguagem e escolhe momentos propícios para enganar a todos e para, principalmente, plantar a semente do ciúme em Otelo.

Refletir sobre a persuasão requer retomar o discurso clássico, pois esta referência ao espaço cultural e linguístico do mundo clássico, como afirma Adilson Citelli (2007), demonstra a preocupação com o domínio da expressão verbal em sua vertente oratória, considerada de muita importância entre os gregos. Dessa maneira, já neste tempo, expor publicamente as ideias era requerido habilidade e estratégias argumentativas com a finalidade de lograr a persuasão dos auditórios.

Durante a Era Clássica, os gregos se preocupavam com a qualidade do discursivo verbal, que deveria ser enunciado de modo convincente e elegante, unindo arte e espírito (CITELLI, 2007, p. 07). Para isso, eles criaram disciplinas nas escolas que melhor ensinavam as artes de dominar a palavra, como a eloquência, a gramática e a retórica.

Portanto, a retórica foi ao longo dos séculos, transformando-se em sinônimo de recursos embelezadores do discurso, ganhando, inclusive, certo tom pejorativo. Nos dias atuais, os estudos retóricos passaram a receber novas abordagens, dentre elas, a Análise do Discurso. Evidencia-se, assim, o vigor de uma tradição que, ajustando-se aos novos modos de produzir, circular e receber os processos comunicativos, dá contribuições importantes para se estudar os constituintes discursivos que marcam os diversos campos de conhecimento.

Pela própria natureza do estado grego, tornava-se imperativo para certas camadas sociais dominar as regras e normas da boa argumentação. O exercício do poder, por meio da palavra, era ao mesmo tempo uma ciência e uma arte, pois estavam implicados o conhecimento das técnicas persuasivas e o modo de melhor dizê-las; explorar a amplitude convincente do discurso a fim de formar consensos.

Aristóteles (384 – 322 a. C.) trouxe à luz a obra *Arte retórica*, que pode ser considerada uma espécie de síntese das visões que se acumulavam em torno dos estudos retóricos, assim como um guia dos modos de se fazer o texto persuasivo. Assim, a obra apresenta um corpo de normas e regras que objetivam explicar o que é, como se faz e qual o significado dos procedimentos persuasivos. De acordo com Aristóteles, a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão.

Ao longo da *Arte retórica*, são reveladas as regras gerais a serem aplicadas nos discursos persuasivos. Para tanto, um dos mecanismos mais óbvios indicados por Aristóteles (CITELLI, 2007, p. 07) é o que fixa a estrutura do texto em quatro instâncias sequenciais e integradas: o exórdio, a narração, as provas e a peroração.

Além disso, segundo Citelli, em *Linguagem e persuasão* (2007), as figuras de retórica são importantes recursos para prender a atenção do receptor naqueles argumentos articulados pelo discurso. As figuras “cumprem a função de redefinir um determinado campo de informação, criando efeitos novos capazes de atrair a atenção do receptor” (CITELLI, 2007, p. 21). Ou seja, as expressões figurativas conseguem quebrar a significação inicial, própria esperada daquele campo de palavras. Desse modo, a metáfora, por exemplo, é uma das figuras mais usadas.

Seguindo os pressupostos de Aristóteles em *A arte retórica*, o intuito deste trabalho, a partir da próxima etapa do artigo, é mostrar em *Otelo, o mouro de Veneza* (1604), de William Shakespeare, as quatro instâncias sequenciais e integradas, propostas por Aristóteles, que asseguram a persuasão.

IAGO E O PODER DE PERSUASÃO

Uma vez que Iago, mesmo tendo sempre sido um bom funcionário de Otelo, servindo-o com lealdade, não recebe a promoção ao cargo de tenente oficial, tendo ela sido feita a Cássio, ocorre no alferes o surgimento de uma inveja incontrolável em relação a Cássio e de uma ira irreprimível em relação a Otelo, dessa forma, a inveja e a ira, aliadas a suspeita de que Emília, esposa de Iago, possa o ter traído com Otelo, provocam no alferes um enorme desejo de vingança e, para concretizá-la, Iago passa a articular planos sanguinários, os quais são responsáveis pelo desfecho trágico da obra.

Com o intuito de realizar a vingança planejada, o alferes desejava que Otelo acreditasse que sua esposa, Desdêmona, o estava traindo com Cássio, que havia recebido uma promoção supostamente no lugar de Iago, pois assim, sendo Cássio destituído do cargo por Otelo, o alferes poderia ocupá-lo. Além disso, a vingança seria duplamente concretizada, pois, sendo Iago vítima de uma suposta traição matrimonial causada por Otelo, ao fazer com que o mouro acreditasse na infidelidade de Desdêmona, Iago estaria trazendo ao mouro o mesmo desapontamento sentido por ele ao ouvir os rumores da traição da esposa.

Contudo, para que seu plano de vingança fosse posto em prática, Iago precisaria que as personagens que se encontravam a seu redor se comportassem e agissem da maneira como lhe conviesse, é a partir dessa necessidade que Iago começa a manipulá-las em prol de seus objetivos. Antes mesmo de iniciar a manipulação de Otelo, verifica-se que Iago persuade Rodrigo que, por ser apaixonado por Desdêmona, obedece cegamente às suas ordens. Com o intuito de um dia receber o amor da esposa de Otelo, Rodrigo serve aos propósitos de Iago em várias situações, conseguindo, em uma delas, fazer com que Cássio fosse destituído de seu posto.

A primeira instância é o exórdio (CITELLI, 2007, p. 11), o qual se refere ao começo do discurso. Esta etapa pode ser uma indicação do assunto, um conselho, um elogio, uma censura, conforme o gênero do texto em causa. Trata-se da introdução que visa assegurar a fidelidade dos ouvintes.

Para iniciar a persuasão com Rodrigo, Iago discursa contra o mouro Otelo, criando assim a confiança de Rodrigo, que também não gostava de Otelo, pelo fato do mouro ser agora casado com Desdêmona, o grande amor de Rodrigo.

Iago demonstra querer ajudar Rodrigo a separar Desdêmona de Otelo, porém, nota-se que Iago não objetiva auxiliar Rodrigo senão por interesse próprio. Embora Iago afirme querer ajudá-lo, logo na sequência, por meio da fala “não sinto respeito, nem obediência pelo mouro, mas se assim aparento, é para chegar a meus fins particulares” (SHAKESPEARE, 1993, p. 333), fica claro que o intuito é atingir objetivos próprios e não auxiliar Rodrigo, haja vista que todo o comportamento de Iago é motivado, como ele mesmo revela, para chegar aos fins particulares que ele pretende.

O exórdio se dá então com a cumplicidade do sentimento que Iago e Rodrigo possuem em relação a Otelo, ambos querem “eliminar” o mouro, cada um com seus motivos. Iago continua a persuadir Rodrigo dando instruções de como ele deve proceder em relação à Brabâncio, pai de Desdêmona, e o estimula a não desistir da vingança:

Iago – Chama o pai dela. Desperta-o. Encarrega-te contra o mouro, envenena-lhe a felicidade, apregoa-lhe o nome pelas ruas, inflama de ira os parentes dela, e embora viva ele em clima favorável, criva-o de moscas. Se a felicidade dele ainda for felicidade, oprime-o, então, com tantos tormentos que ele perderá parte de suas cores.

Rodrigo – Aqui está a casa do pai dela. Vou chamá-lo em voz alta.

Iago – Chama e com o mesmo acento de medo, com um uivo terrível, como quando, numa noite de negligência, o incêndio é descoberto numa cidade populosa. (SHAKESPEARE, 1993, p. 333).

A segunda regra, apresentada em *Arte retórica*, é a narração que é propriamente o assunto, correspondendo ao momento em que os fatos são revelados e os eventos indicados. Segundo ele, é o andamento do argumento. Percebemos a segunda regra, ou seja, a narração no momento em que Desdêmona expressa sua vontade de ficar com Otelo, e Brabâncio concorda com a

decisão da filha. Rodrigo fica decepcionado com a notícia e quer desistir de ter o amor de Desdêmona:

Rodrigo – Estupidez é viver quando a vida é um tormento; e aliás, temos a receita para morrer, quando a morte é o nosso médico.

Iago – Oh! Que covarde!... Há quatro vezes sete anos estou contemplando o mundo e desde que pude distinguir um benefício de injúria, nunca encontrei homem que soubesse gostar de si mesmo. Antes de dizer que me afogaria pelo amor de uma galinha d'Angola, consentiria em ser transformado bugio. (SHAKESPEARE, 1993, p. 350).

Iago permanece com um discurso de aconselhamento e censura para Rodrigo durante um período da peça. Rodrigo, apesar de confiar em Iago, não parece ser forte o bastante para seguir todas as instruções de Iago. O alferes então mais uma vez passa uma falsa confiança a Rodrigo para seguir com o seu plano:

Iago – Podes contar comigo. Vai! Arranja dinheiro. Já muitas vezes te disse isto e torno a repetir novamente e outras tantas vezes: tenho ódio ao mouro. Minha causa está dentro de meu coração; tuas razões não são menores. Ligue-mo-nos estreitamente em nossa vingança contra ele. Se puderes enganá-lo com a mulher, terás um prazer e eu um divertimento. Existem no ventre do tempo muitos acontecimentos que ele vai parir. A caminho! Vai! Arranja dinheiro. Amanhã, falaremos mais a este respeito. Adeus! (SHAKESPEARE, 1993, p. 352).

As provas, terceira etapa persuasiva de um discurso (CITELLI, 2007, p. 11) correspondem à parte do discurso persuasivo que em que são apresentadas provas daquilo que é dito, conseqüentemente, a credibilidade do argumento depende da capacidade de as afirmativas feitas serem comprovadas.

Iago começa a usar Rodrigo para eliminar Cássio, que fora designado tenente por Otelo. Para isso, Iago envenena Rodrigo e mostra a forma como Cássio se comporta diante de Desdêmona. O alferes sugere uma possível relação amorosa entre Cássio e a esposa de Otelo.

Rodrigo – Não posso acreditar isto a respeito dela. Está cheia das disposições mais angelicais.

Iago – Angelicais rabos de figa! O vinho que ela bebe é feito de uvas. Se fosse tão angélica assim, nunca teria amado o mouro. Angélica salsicha. Não notastes como batia na palma da mão dele? Não observaste?

Rodrigo – Sim, isto observei, mas era pura cortesia.

Iago – Pura lascívia, por esta mão! O índice e obscuro prólogo da história da luxúria e dos pensamentos impuros. Estavam com os lábios tão próximos um do outro que os seus hálitos se beijavam. (SHAKESPEARE, 1993, p.362).

Nesse trecho, Iago mostra a Rodrigo que Cássio também é um obstáculo que deve ser superado, ou eliminado. Pela paixão que Rodrigo tem por Desdêmona seria fácil fazê-lo concordar em eliminar Cássio. Essa paixão era maior fraqueza de Rodrigo. Iago dá todas as instruções a Rodrigo de como desmoralizar Cássio perante o mouro.

A última parte de um discurso persuasivo é a peroração (CITELLI, 2007, p. 11), isto é, a conclusão, o desfecho, é a última oportunidade para assegurar a fidelidade do destinatário. No caso de Rodrigo existem dois desfechos. O primeiro se dá quando Iago encontra a oportunidade apropriada para que Rodrigo desmoralize Cássio, e a segunda se dá no final da peça, momento em que Rodrigo vai até o local em que Cássio está, na casa de Bianca, para matá-lo. Mas, nessa última ocasião Iago mata Rodrigo.

Rodrigo, apesar de não gostar muito do que irá fazer, parece estar bem convencido por Iago para realizar tal atrocidade: “Não estou com grande fervor pela coisa e, contudo, ele me apresentou razões satisfatórias. É um homem de menos! Avante, minha espada! Ele está morto” (SHAKESPEARE, 1993, p. 424).

Iago, por sua vez, esquematiza o que seria melhor para ele, e o melhor seria Rodrigo e Cássio mortos, assim o caminho estaria totalmente livre para ela alcançar o posto que desejava e não teria ninguém para testemunhar contra ele: “Esfreguei essa jovem úlcera quase até ao vivo e ele ficou irritado. Agora, se matar Cássio, ou Cássio matá-lo, ou um matar ao outro, de qualquer maneira acabarei ganhando” (SHAKESPEARE, 1993, p. 424).

Cássio é outra personagem também vítima de Iago, pois não tendo mais o cargo outrora possuído, o primeiro é aconselhado pelo segundo a solicitar que Desdêmona intervenha por ele, o que leva Otelo a acreditar em uma suposta traição dada a insistência da esposa para que Cássio recupere o posto do qual fora destituído.

Iago trama para que Cássio perca seu cargo. O alferes persuade Cássio a tomar um pouco de vinho junto com os outros soldados. Iago sabe a fraqueza das outras personagens, sabendo

também onde ele pode “atacá-los” e conseguir o que deseja. A fraqueza de Cássio eram as mulheres e a bebida, Iago então o convence a beber um pouco de vinho e confraternizar juntamente com uns “galantes cipriotas”:

Iago – Oh! São nossos amigos. Um copo somente! Eu beberei por vós.

Cássio – Hoje de noite, só bebi um copo e prudentemente batizado ainda. Vede, entretanto, que perturbação me causou. Sinto-me aflito com esta fraqueza e não me atrevera a impor à minha fraqueza a carga de um segundo copo.

Iago – Que é isto, homem! É uma noite de festas! Nossos galantes estão pedindo!

Cássio – Onde estão eles?

Iago – Aqui mesmo na porta. Mandai-os entrar, por favor.

Cássio – Concordo no que desejais, mas não me agrada. (SHAKESPEARE, 1993, p. 365-366).

Nesse diálogo percebemos o *exórdio*, Iago convida Cássio para uma festa à saúde do negro Otelo, um bom motivo pra celebrar e beber. Iago insiste que são galantes cipriotas, amigos de Iago e Cássio, e isso passa confiabilidade quanto a moral dos outros soldados, sendo assim não haveria nenhum mal em beber um pouco.

Após a bebedeira de Cássio, Iago orienta Rodrigo a ofendê-lo, e o tenente, por estar bêbado, não mediria suas ações, e assim acontece. Com o alvoroço criado pela situação, Otelo aparece e percebe a situação em que se encontra seu tenente destituindo-o então do cargo de tenente. Desolado, Cássio demonstra um profundo arrependimento pelo que fez e Iago então o persuade a falar com Desdêmona para ajudá-lo a reconquistar seu posto. Dessa forma temos a narração, o momento em que Iago dá continuidade a sua argumentação:

Iago – Vós ou qualquer outro homem vivo podeis ficar embriagado em determinado momento, meu amigo. Vou já dizer o que deveris fazer. A esposa de nosso general é agora o general. Posso dizê-lo assim, já que agora se dedicou ele por completo à contemplação, à admiração e ao culto de suas qualidades e de suas graças... Confessai-vos francamente a ela. Importunai-a para que ela vos auxilie a retomar vosso posto. [...]. (SHAKESPEARE, 1993, p. 374 - 378).

Por fim, outra vítima de Iago é a própria esposa, que inocentemente, encontra um lenço de Desdêmona, o qual havia sido presente de Otelo, e o entrega ao marido, que o deixa no quarto de Cássio, fazendo com que sirva como prova da traição.

Neste caso é a própria Emilia que relata a persuasão feita pelo marido para que ela pegasse o lenço.

Emília – Estou bem contente por haver encontrado este lenço. Foi a primeira lembrança que lhe deu o mouro. Meu instável marido já me acariciou cem vezes, para que eu o roubasse; [...] Mandarei tirar cópia do trabalho para dá-lo a Iago. O que pretende fazer com ele, só o céu sabe, não eu; nada sei, exceto satisfazer-lhe a fantasia. (SHAKESPEARE, 1993, p. 389)

Toda a trama é conduzida por Iago, contudo, a principal personagem por ele manipulada é Otelo, que se torna assassino da própria esposa, que lhe era fiel, devido às invenções do alferes. A primeira instância, o exórdio, o qual se refere ao começo do discurso, visa assegurar a fidelidade dos ouvintes.

No que se refere à manipulação de Iago em relação a Otelo, nota-se que o exórdio se verifica no momento em que Cássio, já destituído do cargo, suplica a Desdêmona, por ter sido aconselhado pelo próprio Iago, que ela intervenha por ele, pedindo a Otelo que lhe devolva o posto. Tendo Otelo visto sua esposa a conversar com Cássio, Iago expõe uma indicação do assunto da seguinte maneira: “Ah! Não estou gostando disto” (SHAKESPEARE, 1993, p. 380). Ao dizer não estar gostando de alguma situação, o alferes, a quem Otelo se refere incontáveis vezes como sendo uma figura honesta e leal, anseia que o mouro lhe faça confessar o problema que lhe estaria atormentando. Iago sabe que é considerado um funcionário de confiança, dessa forma, é improvável que Otelo dele duvide.

O fato é que a situação da qual Iago não estava gostando, havia sido criada, inventada, fantasiada por ele mesmo, tendo sempre em vista a concretização de sua vingança. Quando Otelo questiona o alferes com as seguintes palavras: “Que estás dizendo?”, Iago responde: “Nada, meu senhor... ou se... não sei o quê...” (SHAKESPEARE, 1993, p. 380). Nota-se que Iago sempre se coloca na posição de subalterno, para que continue sendo visto como alguém confiável, uma vez que ele sempre se dirige a Otelo com resignação, utilizando os termos “meu senhor”. Diante disso, ao não querer responder à pergunta de Otelo, o que se percebe é que Iago tem ciência de que não quer revelar o problema, respondendo: “Nada, meu senhor”, logo após ter dito não estar gostando do que

avistava, deixaria o mouro intrigado e, no mínimo, curioso para saber que situação estava gerando preocupação em seu fiel subalterno.

Verifica-se, então, que a persuasão em relação a Otelo se constrói por meio de um discurso em que Iago se coloca na humilde posição de leal subordinado, encontrando-se o exórdio no momento em que Iago incita a curiosidade de Otelo ao não querer revelar seus pensamentos, introduzindo uma fala que irá assegurar a fidelidade de seu ouvinte, nesse caso, garantindo que Otelo queira ouvi-lo.

A segunda regra é a *narração* que é propriamente o assunto (CITELLI, 2007, p. 11). Dessa forma, encontra-se o momento em que acontecimentos são revelados, ou seja, a narração, nos trechos em que Iago revela suas falsas suspeitas de que Desdêmona seja infiel e pede para que Otelo tenha cuidado com os ciúmes, porém, que não deixe de prestar atenção nas atitudes de sua esposa, o que pode ser verificado nos seguintes fragmentos:

Iago – O meu senhor, tomai cuidado com o ciúme! É o monstro de olhos verdes que se diverte com a comida que o alimenta! (SHAKESPEARE, 2003, p. 384).

Iago – **Vigiai** vossa esposa... Observai-a bem com Cássio. Fazei uso de vossos olhos sem ciúme nem confiança. [...] **Vigiai-a!** Conheço bem os costumes de nosso país; em Veneza, as mulheres deixam que o céu veja as loucuras que não ousam mostrar aos maridos. Para elas toda consciência se estriba não em fazer, mas em manter oculto. (SHAKESPEARE, 1993, p. 381 – grifos nossos)

No primeiro trecho, verifica-se a presença de uma metáfora, figura de linguagem muito utilizada por quem argumenta para chamar a atenção de quem deve ser convencido. De acordo com Citelli (2007), a metáfora é usada quando não se encontra um designativo mais apropriado para certas representações. Uma possibilidade é a passagem da significação da palavra para um plano mais figurativo, ou a associação desta com seu efeito figurativo: “Há metáfora quando a significação imediata de um termo é substituída por outro com o qual mantém relações de semelhanças ou subentendidos” (CITELLI, 2007, p. 21).

Ao alertar Otelo para que não sinta ciúme de Desdêmona, por meio da metáfora que associa o ciúme a um monstro que se diverte ao ser alimentado, Iago desperta um sentimento até então inexistente em Otelo, que passa a ser, a partir desse momento, notadamente manipulado por seu subordinado. Já no segundo fragmento, o que é digno de nota é que o tom de conselheiro tido

por Iago é abandonado, uma vez que o uso de verbos no imperativo revela que ele está ordenando Otelo a vigiar a própria esposa, ou seja, ordenando que o mouro dela desconfie e não mais somente o aconselhando. Otelo, no entanto, se recusa a acreditar que Desdêmona possa estar sendo a ele infiel, o que pode ser comprovado com o seguinte trecho:

Otelo – [...] Nem a fraqueza de meus próprios méritos conseguirá que eu conceba o menor temor ou dúvida sobre sua infidelidade, pois tinha olhos e escolheu-me. Não, Iago, antes de duvidar, quero ver. Quando tiver dúvida, quero **a prova** e, conseguida a prova, só existe isso: adeus ao amor e ao ciúme! (SHAKESPEARE, 1993, p. 381 – grifos nossos).

Ainda que Otelo não queira crer na possibilidade de estar sendo traído por Desdêmona, o alerta de Iago, ainda que falso, o atormenta, o que fica claro quando Otelo passa a exigir que haja uma prova que possa ser-lhe apresentada para então certificar-se da veracidade ou falsidade da traição de sua esposa.

A terceira etapa persuasiva de um discurso são as *provas* e para provar o que diz a Otelo a respeito de Desdêmona, Iago vale-se da inocência da esposa para conseguir um lenço da mulher de Otelo. Enquanto Emília entrega o lenço de Desdêmona a Iago, esta lamenta por tê-lo perdido, haja vista que havia sido o primeiro presente do marido. Tendo o lenço da esposa do mouro em mãos, Iago vale-se do objeto para forjar a prova do crime, deixando-o no quarto de Cássio.

Dessa forma, Iago consegue mascarar uma situação em que Cássio fala de Bianca, sua amante, de modo que Otelo, que estava escondido, imaginasse que estivessem se referindo à Desdêmona, assim, a fala de Cássio soa como se ele estivesse confessando estar tendo um caso com a esposa de Otelo. Tornando a confissão supostamente ainda mais verdadeira, Bianca aparece enfurecida de ciúmes devido ao lenço que lhe havia sido entregue por Cássio.

Após Bianca devolver a Cássio o lenço, por motivo de ciúmes, e partir enfurecida, Iago aconselha que Cássio vá atrás dela, uma vez que deseja ficar a sós com Otelo, dado o objetivo de concluir seu plano. Assim Iago indaga:

Iago – E notastes o lenço?

Otelo – Era o meu?

Iago – Por esta mão como era o vosso... E pudestes ver como aprecia a louca criatura, vossa esposa! Ela o deu a ele; ele o entregou à sua prostituta. (SHAKESPEARE, 1993, p. 407).

Tendo sido o lenço visualizado por Otelo nas mãos de Cássio, a prova foi a ele apresentada, e sendo aliada à suposta confissão de Cássio, faz com Otelo tenha a certeza de que foi traído por Desdêmona, ou seja, tendo sido a afirmação de Iago comprovada com o lenço, seus argumentos passam a ser dignos de credibilidade para Otelo.

A última parte de um discurso persuasivo é a peroração, nota-se que o desfecho do discurso persuasivo de Iago diz respeito ao momento em que ele convence Otelo a matar a própria esposa como forma de vingança, algo que o mouro faz quase sem hesitar, uma vez que Iago se compromete a vingar-se por ele no que diz respeito a Cássio. O trecho a seguir expõe a situação da nova ordem dada a Otelo:

Otelo – Arranja-me algum veneno, Iago, para hoje de noite!... Não quero ter explicação com ela, temeroso de que minha alma seja desarmada uma vez mais pelo seu corpo e por sua beleza... Hoje de noite, Iago...

Iago – **Não empregueis** o veneno. **Estrangulai-a** na cama, na própria cama que maculou!

Otelo – Bom, bom! Agrada-me tal justiça! Muito bom!

Iago – E, quanto a Cássio, deixai-o por minha conta. (SHAKESPEARE, 1993, p. 408 – 409 - grifos nossos).

No trecho mencionado, verifica-se a peroração, uma vez que esta é a última oportunidade de Iago assegurar a fidelidade de Otelo, algo que o alferes faz de modo convincente, haja vista que, além de ordenar que estrangule Desdêmona, ele se engaja no plano, sendo responsável por vingar a traição cuidando da morte de Cássio, algo que pode ser inferido quando Iago diz a Otelo que deixe Cássio por sua conta.

Tendo sido o mouro completamente persuadido por Iago, Desdêmona é injustiçada e morta estrangulada por Otelo, ao fim da trama, Emília, esposa de Iago, ao vir anunciar a Otelo a morte de Rodrigo e os ferimentos de Cássio, escuta os derradeiros gritos de Desdêmona e, atestando a sua morte, confessa que o episódio do lenço foi uma armação do próprio marido, que mentiu a respeito da conduta de Desdêmona e Cássio. Tendo feita a confissão, Iago assassina a própria mulher

e tenta fugir, porém, a tentativa é vã. Concluindo o desfecho, Otelo resolve não viver sabendo que matou a mulher inocente e se suicida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as quatro instâncias sequenciais e integradas, propostas por Aristóteles, que asseguram a persuasão, buscou-se mostrar como a personagem Iago consegue manipular os que se encontram ao seu redor para concretizar seus objetivos. Por meio de seu poder de convencimento, Iago, transforma Rodrigo em uma espécie de fantoche, que obedece a todos os seus comandos. Desdêmona, esposa fiel a Otelo, é convertida em adúltera, revelando que os signos linguísticos, quando utilizados de modo consciente, são capazes de construir uma realidade até então inexistente. Cássio também é vítima da lábria de Iago, uma vez que é destituído de seu posto e considerado amante de Desdêmona injustamente.

Contudo, entre tantas injustiças, a principal vítima é Otelo que, sendo enganado pelas mentiras de Iago – que têm consciência do poder que os signos linguísticos exercem quando empregados a seu favor e inclusive manifesta essa consciência em alguns de seus solilóquios –, torna-se assassino da própria esposa, que nunca havia lhe faltado com respeito e o amava com grande devoção. Diante disso, verifica-se em Iago uma personagem de grandiosa complexidade psicológica, haja vista que ele se utiliza de uma maldade extremamente cruel para manipular as demais personagens em prol de materializar seu objetivo de vingança, construído devido ao sentimento de inveja e de despeito por uma traição que em momento algum fora confirmada.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985.

CITELLI. Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2007.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o Mouro de Veneza*. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Nova Cultural, 1993.



*Artigo recebido para publicação em 09 de fevereiro de 2015
Aprovado para publicação em 15 de julho de 2015*

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

RIBEIRO, Bruna Otani; CAPELETT, Patrícia Cristina; RODRIGUES, Kamilla Costa. O Discurso Persuasivo de Iago em *Otelo*, O Mouro De Veneza (1604). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 15, n. 02, p. 165-178 de 207, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >